

## Fuga, exílio ou travessia: a crise de Fernando narrador-personagem do romance *Lealdade de Márcio Souza*

Liliane Batista BARROS<sup>1</sup>

**Resumo:** o presente artigo traz reflexões acerca do exílio do narrador Fernando após a frustração do levante de 1832 e a consequente adesão do Grão-Pará ao Brasil. A falência dos projetos pessoais desse narrador são metonímia da falência do sonho maior de uma parte da população do Grão-Pará em criar um país justo livre e democrático, afinal, o narrador é apenas um ponto, em torno do qual uma memória coletiva aflora. As memórias e reflexões surgem na vigem pelo Rio Tocantins rumo ao exílio, fuga ou travessia em direção à Fazenda Promissão onde se refugia após o fracasso militar, amoroso e pessoal. Para pensar a memória buscamos apoio em Asmann (2011) e Sarlo (2007), sobre o exílio temos apoio em Hall (2003) e Said (2003).

**Palavras chave:** Lealdade; Romance; Narrador; Exílio.

*O exílio nos compele estranhamente a pensar sobre ele, mas é terrível de experienciar. Ele é uma fratura incurável entre um ser humano e um lugar natal, entre o eu e seu verdadeiro lar: sua tristeza essencial jamais pode ser superada. E, embora seja verdade que a literatura e a história contêm episódios heroicos, românticos, gloriosos e até triunfais da vida de um exilado, eles não são mais do que esforços para superar a dor mutiladora da separação. As realizações do exílio são permanentemente minadas pela perda de algo deixado para trás para sempre.*

*Edward Said*

*As coisas que vivemos, até mesmo os menores de nossos gostos ao sabor do tempo, não são mais que os cordões ordenados pelo tear do destino — faina das Parcas. E a lembrança é um ameno regresso, um acerto de contas com a imaginação, um diálogo feliz com as grandes tecedeiras, porque ninguém escapa ao seu destino, e só aquelas criaturas mais vulgares são incapazes de aceitar a integridade daquilo que as feriu no passado.*

*Márcio Souza*

---

<sup>1</sup> Doutora em Letras pela UFPA, professora do curso de Letras Português do Campus de Bragança. E-mail: liliane.b@ufpa.br

O romance *Lealdade*, primeiro volume da trilogia *Crônicas do Grão-Pará e Rio Negro*, narra a os eventos que levaram a população da província portuguesa do Grão-Pará a lutar pela Independência em meados do século XIX. O narrador é Fernando Simões Correia, militar, nascido no Grão-Pará, filho de portugueses e membro do grupo de intelectuais que defendiam a independência do Grão-Pará e Rio Negro influenciados pelos ideais da Revolução Francesa. Nesse romance, o autor focaliza os levantes que desencadearam a Cabanagem (1835). A história dessa região é narrada a “contrapelo” da versão oficial a partir das experiências vivenciadas pelo protagonista que sofre um processo de formação para participar do levante de 1823, ano da adesão do Pará à Independência do Brasil, fato importante para a revolta de 1835.

A estratégia do autor é narrar, a partir da biografia do protagonista Fernando, o cotidiano da capital paraense e as mudanças ocorridas na cidade, nomeando os governadores que promoveram o descontentamento da população e os subsequentes levantes que antecederam à Cabanagem. Assim, o autor manauara desfaz as fronteiras entre as disciplinas que permitem ampliar os olhares sobre as condições históricas, políticas, econômicas e sociais que direcionaram a adesão do Pará à Independência e depois desencadearam a Cabanagem. As referências aos episódios verídicos trazidos para o romance, como a invasão de Caiena, o ultimato para adesão do Pará feita por Greenfell, além das personagens históricas, assim como as datas, 1808, 1809, 1823, realmente ocorreram e dão o tom de veracidade ao romance, mas as estratégias utilizadas pelo autor como a anexação de documentos (fictícios), a construção das personagens (mesmo as históricas) e a organização do enredo garantem a verossimilhança do romance sem transformá-lo em simples documento.

O narrador Fernando é um militar formado em Portugal que a partir das viagens e das relações com Batista Campos passa de defensor do império português a defensor da Independência do Grão-Pará. Pelo olhar de Fernando, o dia a dia de Belém é descortinado para o leitor como uma sociedade estruturada que é desestruturada pelo envio dos mercenários ingleses pelo Império Brasileiro. A preocupação em buscar episódios históricos que antecederam à Cabanagem, visto que a narrativa de *Lealdade* centra-se na adesão do Pará à Independência do Brasil, demonstra que esse levante não foi uma simples revolução contra a Independência, mas sim o resultado de práticas coloniais de exploração e extorsão. As relações entre literatura e história e com as demais áreas do conhecimento, assim como a intertextualidade presente no romance, indicam a intenção do autor em trazer à luz o episódio

trágico vivenciado pelos paraenses dando a este o espaço dividido na memória e história do Brasil.

Márcio Souza fez uma pesquisa de, aproximadamente, vinte anos para escrever a trilogia sobre a Cabanagem é visível o empenho do autor na tarefa de colocar a região Norte do país em evidência, através da literatura e não podemos deixar de citar a formação do escritor em Ciências Sociais, pois suas obras não deixam totalmente de lado o olhar do cientista social e mostra-se também preocupado com os rumos da Amazônia e da permanência dessa região na periferia do Brasil.

É importante compreender o contexto da produção do romance, Asmann (2011) nos lembra que, a partir dos anos de 1980, o nexos entre recordação e identidade ganhou uma nova relevância pela destruição do Muro de Berlim que abriu a fronteira entre o Leste e Oeste da Europa e marcou o fim da Guerra Fria. Com a dissolução da União Soviética foram revitalizadas identidades e etnias que até então tinham sido “congeladas” em nome da polarização Leste-Oeste que se definiam como verdades únicas. Segundo Asmann (2011, p. 69), esse momento foi descrito como o despertar da história, aqui entendida como “consciência coletiva que se manteve viva ou foi revivificada, um passado recordado”. E mais, a emancipação deu, ainda, lugar à questão da identidade, pois, “o lema da emancipação (que, com o prenúncio de um futuro auto-organizado, sempre supôs uma diluição do passado e da origem) deu lugar à questão da identidade.” Asmann liga a reformulação da identidade com a reorganização da memória individual e coletiva que vai refletir nos livros de história. As ponderações da autora são importantes, pois uma questão que se destaca no romance *Lealdade* é a da identidade. Se considerarmos a década de 80 como o fim da Guerra Fria, então, o romance de Márcio Souza dialoga com esse “retorno” ou “despertar” da história vinculada à identidade, como Asmann adverte no terceiro capítulo do seu livro *Espaço da recordação: formas e transformações da memória cultural* (2011).

O romance *Lealdade* inicia com a fuga do narrador/personagem Fernando pelo rio Tocantins em direção à Fazenda Promissão, e, ao chegar ao esconderijo, um espaço idílico composto por uma cabana à beira do rio e pela companhia de dois indígenas adolescentes, Fernando se põe a passar sua vida em revista para compreender o incômodo que sente.

Davi Arriguicci Jr (1994), no ensaio *O mundo misturado: romance e experiência em Guimarães Rosa*, analisa a crise de Riobaldo ao voltar de um violento combate contra Zé Bebelo viajando em direção ao Cansanção-Velho e resolve descansar no riachinho do Jio. E,

ali, exausto, insone e muito dividido, o narrador se põe a refletir sobre o desconforto que sente chamando-o de estorvo.

É agora que temos acesso ao lado contemplativo do herói, ao que de mais íntimo o inquieta, quando, posto fora da ação, mostra sua interioridade contraditória: o guerreiro batido pelo cansaço tem o espírito enxameado de ideias em desacordo. Logo na chegada ao esconderijo, que tem tudo para ser um lugar ameno, à beira do riacho, já se entrega à tristeza e a sentimentos complicados que se ajuntam, levando-o a repassar o vivido: pena ou dó, não propriamente remorso, sensação de desgraça ou de ter perdido alguma coisa... Quer dizer: é neste momento fugaz de parada e lassidão do corpo que o espírito tende ao máximo de movimentação, deixando ver o incômodo sem nome e sem espécie — o Mal — que o aflige (ARRIGUCCI, 1994, pp. 8-9).

A descrição que Arrigucci faz de Riobaldo assemelha-se ao estado de espírito de Fernando ao iniciar suas memórias, pois, assim como Riobaldo, o narrador está cansado, em crise, triste e questionando o sentido da vida. A origem desse estado de espírito deve-se a dois motivos: a perda de sua amada Simone, que volta para a França, e a do amigo e conselheiro de Batista Campos, que está preso (que são os eixos na vida do narrador), além da falência do projeto de Independência do Grão-Pará. As diferenças entre Fernando e Riobaldo são o tempo da narração e a forma de narrar. Riobaldo já está velho quando conta sua vida ao interlocutor, o doutor, e, mesmo assim, a narrativa é pautada em interrogações. Fernando escreve suas aventuras e dissabores também marcada por dúvidas como, por exemplo, se tomou ou não as decisões corretas: “A uma distância de quase quinze anos, tudo volta a acontecer mas apenas nas dobras do coração, no silêncio comovido de nossa própria experiência que, ao ter vivido, sabe mais uma vez relembrar e nos fazer novamente sentir.” (SOUZA, 1997, p. 85). E, tampouco, se tinha controle sobre o seu destino, além de não ter um interlocutor, pois tem a companhia de dois indígenas que o ignoram, o desabafo de Fernando é na escrita.

A aproximação entre os dois narradores se dá pela necessidade de reconciliação do herói problemático<sup>2</sup> com a realidade concreta e social. Arrigucci destaca em Riobaldo a tentativa de reconciliação, através da vida de jagunço, na qual ele nunca se sentiu completamente integrado e que revela a divisão entre a interioridade do herói e a aventura a que se lança. Fernando também tenta a reconciliação, em um primeiro momento, na ida para Portugal e ingresso na vida militar, em um segundo momento na guerra de invasão à Caiena, e, por fim, como parte do grupo revolucionário que sonha com a Independência da Província

---

<sup>2</sup> Arrigucci retoma o herói problemático que Georg Lukács apresenta no livro *A teoria do Romance* que tem como tema central a reconciliação do herói com a realidade concreta e social.

do Grão-Pará. Como podemos observar, a crise de Fernando<sup>3</sup> vincula-se à crise identitária que se desvela em momentos de exílio, bem como a ausência de Simone e Batista Campos intensificam a solidão e a crise no narrador. Assim como Riobaldo, em alguns momentos ele também não se sente completamente integrado a eles. A trajetória do protagonista é marcada pela tensão e conflito desencadeado entre o relacionamento amoroso com Simone e os ideais da Independência do Grão-Pará, resultando no conflito interno do narrador. Conforme Mesquita,

Fernando Simões Correia apresenta uma identidade oscilante, por ser um personagem em formação vivenciando diversas situações extremas de guerra civil. Ele se considera superior aos paraenses, em muitos momentos, pela forma de se vestir, até pela bebida ou pela música de que gostava. Ao se relacionar com a francesa Simone, entra em choque com a realidade: a França era um centro de referência cultural muito mais influente que Portugal. Fernando tem a oportunidade, então, de se comparar ao amante de Simone, Jean-Pierre, um pintor francês que conhecia tanto as artes quanto os autores da Revolução Francesa. Fernando busca ampliar seus conhecimentos, e com as leituras que faz conclui que os portugueses não eram tão benéficos à economia paraense como ele imaginara a princípio (MESQUITA, 2009, p. 92)

O conflito de Fernando é resultante do não reconhecimento do seu lugar de pertencimento frente à frustração resultante da não Independência do Grão-Pará, agravada por causa do abandono da amada e o aborto do filho. A primeira crise identitária de Fernando é resolvida em Caiena onde ele deixa de ser português e se reconhece paraense. A segunda, é deflagrada a partir da adesão do Pará à Independência e o conflito passa a ser entre se reconhecer paraense ou brasileiro e esta não resolve resultando em um homem dividido em constante crise, pois o sonho do território livre não se concretizou.

Outra questão apontada pelo narrador é a decadência da sociedade e a desigualdade social e econômica que caracterizava o Pará do século XIX. Apesar de a maioria dos trabalhadores serem livres e o número de escravos ser pequeno em comparação com o restante do país, a pobreza e a miséria atingiam a maior parte da população em detrimento dos privilégios de uma minoria portuguesa que detinham a exploração da terra e do comércio. Além disso, o desenrolar dos fatos que levaram a população à revolta de 1823, em consequência da repetição das práticas coloniais de exploração do povo e manutenção dos privilégios dos portugueses, tais como poder político e monopólio econômico, e a não aceitação das imposições impetradas por governadores enviados da capital do império,

---

<sup>3</sup> Mesquita (2009), no segundo capítulo, faz uma leitura de Fernando como herói em busca de sua identidade e demonstra as características que vinculam o narrador ao herói, fundamentada na proposta de Joseph Campbell. Nossa leitura irá se pautar nas dúvidas e crises do Fernando e não nas características heroicas da personagem.

resultou no agravamento da tensão entre o Norte e o Sul. Os brasileiros vencem o conflito desencadeado pelos paraenses e colocam no poder o governador indicado pelo Imperador, mas os anos de exploração vivenciados pela população resultarão, dez anos depois, na Cabanagem.

O desencantamento do mundo de Fernando o leva a transpor para a natureza os conflitos internos que o sufocam, como ocorre no parágrafo que inicia o romance, em que o rio Tocantins encrespado com rajadas do vento e os restos da tempestade da noite anterior desvelamos conflitos internos da personagem.

O rio estava encrespado pelo vento, rajadas de sudeste que levantavam banzeiros altos e deixavam a água ainda mais escura e esverdeada. O vento morno carregava odores, penetrava nas narinas. Era novembro, tempo de chuarada e umidade intensa, mas a madrugada aparecera com uma limpidez de cristal; os pássaros pescadores alçando cedo seus voos; os troncos e as ilhas de capim descendo a corrente como lembranças esparsas da tempestade noturna (SOUZA, 1997, p. 14).

Neste fragmento, chama atenção a força da natureza em que a água, resultante da chuva da noite anterior, aumentou o volume do rio e junto com a força do vento formam os banzeiros que tornam a viagem mais perigosa. O barco pequeno em que o narrador se encontrava fica, então, à mercê do rio assim como o narrador de suas memórias, pois a viagem de fuga se dá em dois níveis: um externo, que ocorre no rio, e o outro interno, que ocorre na memória. Fernando enfrenta, então, dois banzeiros: o do espaço externo, resultante da chuva do dia anterior que provoca a enchente do rio Tocantins; e o interno, que é resultante do desaguar da memória deflagrada também pelos acontecimentos do dia anterior. Como o narrador está em fuga, os sentidos estão em alerta pelo medo de ser preso porque ele traz consigo os cadernos de anotações que seriam prova suficiente para ser executado pelo crime de lesa-majestade. Assim, a travessia empreendida pelo rio Tocantins seria a forma de manter-se vivo e de salvar também os manuscritos que possibilitariam o testemunho desse período às gerações posteriores. As perguntas e reflexões que Fernando faz nessa viagem pelo rio, colocam em dúvida as tomadas de decisão em relação ao movimento de Independência do Grão-Pará e a sua vida amorosa.

Fora preciso estar ali no meio do rio, remando contra o forte banzeiro, para compreender tudo. Para me dar conta de que não haveria retorno, que teria de viver até o fim sob o céu azul carregado daquela manhã, escondido nas matas tão imensas e misteriosas que pareciam ter sido criadas pela soberba divina. E fora necessário ir tão longe para finalmente entender, que ironia! Ali, por entre o banzeiro, onde a todo o momento o hálito da mata vinha disputar-me a solidão, algumas vezes transfigurado na palhota de areia levantada pelos redemoinhos e abrigados pelos relentos minerais daquela manhã invernososa, começava a descobrir que

verdadeiramente mantinha pouco controle sobre meu próprio destino (SOUZA, 1997, p. 15-16).

O estado de desalento e vulnerabilidade o leva a questionar as mudanças ocorridas no Pará. “No entanto, que terra era aquela? O que é que se materializava ao pronunciarmos as palavras Grão-Pará? E, dito assim, assaltava-me apenas a presença do rio, da selva, do céu imenso e estrelado nas noites frias de dezembro.” (SOUZA, 1997, p. 16). Nas respostas às questões levantadas, ele resume a palavra Grão-Pará à natureza grandiosa e não vincula a palavra às cidades e às pessoas. Na segunda visão promovida pela incerteza destaca-se a cidade de Belém vista a partir da Baía do Guajará, caminho de chegada à cidade.

Mas naquela manhã incerta e de vento no rio Tocantins [...] vinha a visão da Baía de Guajará da silhueta urbana imponente, horizonte de casario e torres entre mangueiras. Santa Maria de Belém do Grão-Pará e seus campanários subindo como agulhas, seus palácios de linhas italianas, o seu forte de pedras caiadas de branco (SOUZA, 1997, p.16).

As descrições da cidade demonstram a beleza e o carinho com que o narrador se relaciona a ela, destacando parte de sua paisagem: “casario de torres entre mangueiras”, “campanários subindo como agulhas”, “palácios de linhas italianas” e “forte de pedras caiadas de branco”. Não há nenhuma citação aos moradores dessa cidade, ela é descrita como se estivesse vazia, apesar de bela e imponente. O narrador faz esse movimento de opor a cidade aos moradores: enquanto ela é bonita, seus habitantes são mal vestidos, feios, sujos e indolentes, é como se a população enfeiasse a cidade. Márcio Souza tem necessidade de referenciar o espaço talvez pela questão da crise identitária porque passa o narrador e pelo momento histórico vivido.

A sinestesia é uma forte marca em *Lealdade*, como é possível observar na travessia pelo rio em que o narrador destaca a luz do sol que rompe a névoa da manhã, revelando um cenário composto por cores e nuances como prata, cobre, dourado, verde, amarelo baço, branco, cinza. Como é o sol quem promove esses tons, parece-nos que o autor descreve um quadro<sup>4</sup> em que a luz do sol incide sobre um objeto ou sobre a natureza tentando representar a fugacidade da vida.

---

<sup>4</sup> Parece-nos que o autor opta por dialogar com pinturas ou registros de viajantes sobre o Grão-Pará do século XIX e anteriores. A presença de períodos estéticos na obra pode ser comprovada na descrição das cores do rio a partir da incidência do sol que nos remete ao estilo simbolista, e a descrição da tempestade no rio Tocantins nos lembra cenas de pinturas do romantismo. Além disso, as descrições sobre Belém parecem apontar para pinturas da cidade feitas por artistas e viajantes. Maria Cláudia de Mesquita destacou, em seu estudo, o retrato de Simone, vinculando-o à técnica de “Jacques Louis David, que viveu entre os anos de 1748 e de 1825, representante do Neoclassicismo francês e que foi o pintor oficial da Corte Imperial francesa, retratando a vida de Napoleão Bonaparte.” (2009, p.40). Um estudo apontando esse intertexto entre a pintura e o romance seria muito

Olhava para o Tocantins... Seria o sol? Mantinha a cabeça protegida por um lenço de seda e um tricórnio de feltro muito leve... Mas a luz, a reverberação intensa sobre a superfície da água, quase um espelho, medusa que se agitava em tons de prata e cobre... Cores quase sólidas e os perfumes da mata que pareciam filtrados pelas nuvens. Na atmosfera, a névoa quase invisível e dourada de miríades de pólen em suspensão, e o frio da água no ar morno, onde mergulhava a mão e sentia alívio... Periquitos verdes passeavam gritando, como nuvens que jamais seriam chuvas. Estava só, mas não sob o abrigo do silêncio. [...] Os remos desciam e subiam, e esparramavam espuma de um amarelo baço, pinceladas de branco, cinza e umas sombras escuras, cambiantes sobre o dorso da água. Em dias inverniais como aquele, a evaporação era mais constante e vestia o horizonte com uma capa de bruma. Uma roupagem diáfana de gotas que gentilmente punha-se a liquefazer nossa alma e todas as coisas. O reino das águas (SOUZA, 1997, p. 17).

A narrativa inicia com o amanhecer e o sol descortinando o cenário do “reino das águas”, referenciando a relação do narrador com a memória que se faz entre a escrita e o pictórico nas descrições das paisagens. A sinestesia, porém, destrói o exotismo que as paisagens e os cheiros da Amazônia poderiam criar no leitor, pois a utilização que Márcio Souza faz desse artifício estético no romance tem o propósito de aproximar a natureza do narrador. Se em um primeiro momento o movimento dos banzeiros era uma ameaça, agora, a natureza encobre e protege o fugitivo da visão dos soldados mercenários com a névoa, permitindo, assim, que ele chegue em segurança ao seu destino. E por sentir-se confortável pela beleza do quadro que se revela com a luz do sol, o estado de alerta do viajante parece arrefecer junto com as correntezas do rio que também se acalmam.

Benjamin Abdala Jr, no livro *De voos e ilhas*, ao analisar as ilhas, nos fala de uma ilha pessoal vivida por Aníbal, personagem de *A geração da utopia* do escritor angolano Pepetela. Aníbal, após a Independência, decepção-se com rumos que os políticos angolanos dão ao país e toma a decisão de ir para o Sul em uma espécie de exílio, pois “após a queda de seu voo libertário, preserva sua integridade numa espécie de ‘ilha’, um espaço aparentemente à margem do sistema, mas que paira por sobre a cabeça como identidade individual.” (ABDALA JR., 2003, p. 25). A personagem do romance angolano alça um voo interior pela não aceitação da realidade política que se descortina diante dele. Da mesma forma que Aníbal, Fernando, após o seu voo libertário, inconformado com o comportamento do companheiro após a batalha de Cametá, e ainda por estar distante de Simone e de Batista Campos, sente-se perdido e também procura isolar-se em sua “ilha” às margens do rio Tocantins para repensar os caminhos percorridos e, em consonância, os rumos de sua vida e do Grão-Pará.

---

produtivo, pois ajudaria a compreender as visões dos artistas sobre a Belém daquele período e a releitura de Márcio Souza através da escrita.

O refúgio da cabana onde Fernando é assaltado pelas lembranças que o fazem voltar ao passado para entender o estado de solidão e remorso em que se encontra o leva repensar seus conceitos e o militar decidido é substituído pelo fugitivo cansado e em dúvida sobre os caminhos que escolheu seguir. Se a cidade o ameaça pela instabilidade política, a natureza, neste caso a selva, torna-se sua cúmplice nessa nova travessia pela memória, que será mais intensa com a chegada da noite cheia de alertas e sustos:

Todos aqueles ruídos ganhavam para mim a mesma consistência dos fatos que se entrelaçariam mais tarde em minhas lembranças. Com a chegada da noite, a selva mudara de personalidade. Exatamente como sempre imaginamos, a selva resplandecia de vaga-lumes e fogos-fátuos, de sibilantes acordes de cadências sutis como ondas lambendo a praia, recorrentes ondas que se quebravam indolentes na areia ou fervilhavam sobre rochas e corais –silêncio grande na falsa quietude da noite, sublinhado pelos morcegos a riscar errâncias na escuridão. Vez por outra, em meio àquela simuladora quietude irrompia um susto, um grunhido de animal ferido, árvore abatida pelo vento ou pela terra caída; logo a sombra do silêncio se abatia e tudo voltava para a quietude terrível do ventre de musgo da selva (SOUZA, 1997, pp. 29-30).

É certo que esta descrição da natureza é a nova projeção que o narrador faz do movimento da memória e dos conflitos dos quais é vítima, bem como prepara o leitor para o relato que será trazido. Se na viagem pelo Tocantins rumo ao exílio a visão e o olfato são os sentidos mais convocados, neste momento a audição e a visão serão os sentidos postos em alerta pela personagem por ser noite. Acerca dessa viagem noturna precisamos buscar novamente o conceito de Abdala Jr sobre a utopia, definida por ele como um sonho diurno que envolve a possibilidade de ser realizável em um momento próximo, parece-nos que ela não cabe, já que a Independência do Grão-Pará não se concretizou e a Cabanagem não teve sucesso. Assim, esse romance pode ser caracterizado como distópico, o que justifica a sequência de sonhos noturnos do narrador.

No fragmento a seguir, o rio é convocado como testemunho da história por ter sido por suas águas que muitos que muitos viajantes e exploradores chegaram a esta região e tantos outros partiram. Além disso, o rio tem a função de estrada e outra simbologia importante que é a passagem do tempo. Ao navegar por suas águas, Fernando, revive sua história entrelaçada a história do Grão-Pará sentindo a dor do exilado que não tem a certeza do retorno. As águas revoltosas do rio são a projeção dos sentimentos conturbados do narrador e o alento é sentido somente num pequeno momento de calma, anunciada pela madrugada quente que o faz se lembrar da fartura e consistência do açaí “somente agora me dou conta dessa fartura, quase um aceno ao futuro, como a dizer: 1823 foi o ano do melhor açaí de todos os tempos.”

(SOUZA, 1997, p. 30) o sabor e a fartura se contrapõem, na sequência, à morte anunciada de Belém.

Algumas vezes, ao regressar do forte da Barra, eu caminhava por essa alameda de espantos, imaginado que Belém era como uma criatura, possuía um organismo e a capacidade de saciar seus próprios apetites. Sentia, no entanto, um mal-estar. Uma sensação indefinida que instalava ao imaginar essa biologia para a cidade. Esta cidade está moribunda –disse ele – mal nasceu e já está decadente (SOUZA, 1997, p. 143).

A cidade transforma-se em personagem e, a partir da atmosfera de Belém, o narrador consegue ler que algum acontecimento está por vir, como ocorreu no período do vintismo, em que a cidade sai da letargia, promovida pelo calor, e começa a agir pondo-se em estado de alerta aguardando os novos acontecimentos: “Quando amanheceu, as ruas da cidade pareciam tomadas por uma estranha excitação [...]. Naquele dia, havia algo no ar, as pessoas estavam nervosas, paravam em pequenos grupos, trocavam ideias e seguiam adiante.” (SOUZA, 1997, p. 162). Em outros momentos a cidade enfeita-se para a festa, promovendo a harmonia entre os moradores, como ocorreu com a chegada do novo governador, em que a mistura da culinária portuguesa e paraense são a representação desse estado, trazendo o perfume para as ruas: “luzes de candeeiros e archotes iluminavam as ruas próximas ao palácio [...]Cheiro de peixe frito, de miúdo no azeite, uma poética alimentar portuguesa que se misturava com banana verde frita, pupunha cozida e vinho de açaí, sabores da selva.” (SOUZA, 1997, pp. 147-148). Porém, a harmonia transfigurada na alimentação que traz a receita portuguesa adaptada aos ingredientes locais não permanece por muito tempo, já que, após a adesão do Pará à Independência, os portugueses serão tomados como inimigos e, no período da Cabanagem, eles serão caçados e mortos. Assim, na apresentação do cotidiano da capital paraense em que se cruzam episódios ocorridos na capital paraense do século XIX, a cidade vai sendo apresentada ao leitor com suas fachadas, ruas, costumes, festas e lutas.

Os odores em Caiena também são destacados pelo narrador com uma mistura de cheiros agradáveis e desagradáveis: “Os odores eram variados, ampliados pela umidade, pelos ambientes de sauna: suor extenuado, excreções corporais, couro velho, pimenta-do-reino e carne deteriorada.” (SOUZA, 1997, p. 100). Talvez pelo fato de o narrador não ter o sentimento de pertencimento por Caiena, como tem em relação a Belém, e estar vivendo em um teatro de guerra, não consiga ver a cidade e o cotidiano de seus moradores com empatia. Mesmo porque os próprios paraenses interromperam o cotidiano e a vida de Caiena.

As descrições do narrador em relação à natureza e às cidades transfiguram um olhar que se assemelha aos dos viajantes dos séculos XVI e XVIII, pois parece que ele não se sente parte de nenhum desses espaços. Ele age como um estrangeiro que observa e anota as suas impressões com o distanciamento de quem não pertence àquele lugar. E os pares opositivos belo/feio e perfume/fedor com que o narrador descreveu Belém opondo a beleza da arquitetura e da natureza da cidade à feiura e ao fedor de seus moradores ampliam-se em outros pares opositivos a partir das reflexões que o narrador faz de suas atitudes.

Quando suas reflexões se pousam sobre as ações que realizou, tais como a ida a Portugal para estudar, ou nas batalhas que participou, ele não dá o tom de grandiosidade nem se descreve como um herói épico, ao contrário, a todo o momento ele justifica-se como não sendo senhor de suas decisões e coloca-se como vítima das circunstâncias ou de indução chegando, mesmo, à imposição de terceiros.

Meditava assim, pensando no caminho percorrido: eu não havia decidido nada, nenhuma escolha, era uma vítima das afeições do coração, nada mais. Se agora era um militar, isso se dava graças à vontade imperiosa de meu pai. Como revolucionário, tudo se devia à solidão, à minha indecisão entre a compaixão e um desejo contrariado. Até mesmo meus estudos em Portugal tinham acontecido assim (SOUZA, 1997, p. 31).

Assim, a vida militar se deve à oposição pai/filho, o revolucionário se deve à indecisão entre compaixão/desejo contrariado. Chega mesmo a questionar se havia tomado a decisão certa ao entrar na causa da Independência da província. Fato é que temos um narrador em crise não sabendo para onde ir tomado pela desilusão amorosa e frustração política. Ao relembrar sua vida e, num sentido mais amplo, a vida da província, as incertezas da personagem em relação a sua vida se vinculam a indefinição do futuro do Grão-Pará e podemos ampliar mais ainda para as incertezas em relação ao futuro do Brasil. É importante pensar que a memória não é revisitada como o lugar de onde o passado é aflorado como um processo pronto e acabado. Ele é retomado para que se possa compreender a história da Cabanagem e as consequências desse movimento revolucionário, e, portanto, o narrador é um ponto em torno do qual a memória do Pará se aflora. Páginas à frente, as reflexões de Fernando sobre o seu destino é o lamento, talvez por isso, o peso da responsabilidade que ele sinta seja tão intenso, despindo-se, assim, das responsabilidades nas tomadas de decisões que não dizem respeito apenas a sua vida, mas sobre as vidas de todos os moradores da província.

Ah! como doem essas lembranças. Temo-as, encrespo-me todo. Como prisioneiro de meus próprios fantasmas, preferia não ser obrigado a considerar as lembranças que machucam mais e, mesmo assim, elas me assaltam, fazem-me tombar sobre elas, cortantes que são como cascas de mariscos incrustados nas pedras. Estou a ferir-me

Revista A Palavrada (ISSN 2358-0526), 23, jan-jun, p. 61-76, 2023 - 1ª edição

num passado que ninguém mais pode dividir comigo, porque nenhum passado é compartilhável, e só a morte nos pode roubar. Não foi totalmente por minha vontade que deixei para trás os meus contraditórios amigos, a minha estranhamente plácida vida militar, as mesas do bar Cabrito... Não há queixume agora em minha alma, atinge-me apenas o fato de que minhas escolhas foram mais movidas pelo acaso, ao sabor do fortuito, e não exatamente pelo meu arbítrio, como eu ingenuamente julgava serem (SOUZA, 1997, p. 124).

A dor das lembranças que ferem o narrador e o obrigam a recordar, mesmo contra sua vontade, são construções de um passado que ele mesmo arquitetou em suas anotações e, como nos lembra Beatriz Sarlo (2007), as lembranças são construções que podem escravizar ou libertar.

As “visões do passado” (segundo a fórmula de Benveniste) são construções. Justamente porque o tempo do passado não pode ser eliminado, e é um perseguidor que escraviza ou liberta, sua irrupção no presente é compreensível na medida em que seja organizada por procedimentos da narrativa, e, através deles, por uma ideologia que evidencie um continuum significativo e interpretável do tempo. Fala-se do passado sem suspender o presente e, muitas vezes, implicando também o futuro (SARLO, 2007, p. 12).

Podemos, então, deduzir que o nosso narrador está em luta com este passado que o escraviza e, por isso, é preciso isolar-se em sua ilha particular, para reestruturar seus sentimentos: “Foi preciso que minha vida perdesse o rumo e me empurrasse até aqui para refazer na memória fatos tão tristes e tão extraordinários— melancolia de reviver uma tragédia que ficará para sempre em minha lembrança como uma ruína carbonizada.” (SOUZA, 1997, p. 86). Essa viagem pela memória é a mais penosa por trazer episódios identificados por ele como tristes, extraordinários. A lembrança é identificada como melancólica e trágica, que além de serem denominadas como ruínas, ainda estão carbonizadas.

Os termos escolhidos por Fernando para caracterizar suas memórias são carregados de negatividade, além disso, não podemos esquecer que são noturnas, então, o confrontar-se consigo mesmo e com os seus fantasmas o leva a uma viagem de intenso sofrimento e terror e as memórias são uma tentativa de isentar-se das responsabilidades sobre algum acontecimento e dos excessos das batalhas promovidos pelos companheiros de luta, além do fato de o narrador estar em crise. Mas há um momento ameno nessas memórias, que é quando ele vai narrar às influências que sofreu de Simone e Batista Campos. O tom de pessimismo e lamento que predominava até então desaparece e a releitura do passado é comparada à pesca de pérolas, ou seja, uma lembrança preciosa. Contudo, ele adverte que, ao trazer essas

lembranças para o presente pode tê-las contaminado pelo fato de que esses episódios aconteceram há muito tempo.

Não devo esquecer que penso nessas coisas em circunstâncias muito diferentes. Alguns dos fatos já decorreram há anos; de quase todos eles, partes de mim ainda não se desvencilharam; e hoje, na sala desta cabana em Promissão, sob o domínio intenso da escuridão da noite, mergulho no reservatório de minhas próprias memórias, como um pescador de pérolas (SOUZA, 1997, p. 111).

A mudança mais significativa na vida de Fernando ocorreu em Caiena, onde o narrador conheceu Simone e onde teve sua formação política que deu um novo rumo e significado para sua vida. No entanto, essa memória é tida como contaminação, ou seja, uma doença e a imagem da chegada a Caiena é desoladora. “O que foi que me contaminou em Caiena? A imagem que sempre regressa é a do estuário lamacento do rio e seus barcos soçobrados, o fumo das fogueiras e uma dor que era na verdade uma inquietação.” (SOUZA, 1997, p. 103). Se considerarmos que estas lembranças o levam a Simone e à morte do filho, a dor que sente é antecipação da morte da criança e da separação entre os amantes. Além da visão negativa diante da vida e da negação de suas responsabilidades pelos acontecimentos ocorridos, seja em relação à província, seja em relação a Caiena, o sentido da vida para Fernando é nulo.

Gostaria de acreditar que a vida tem um sentido, que o mundo não é completamente indiferente, tem sua lógica, que nos escapa algumas vezes, mas tende à perfeição. Infelizmente, estou farto de seguir acreditando nisso, porque a existência não quer dizer nada, e tenhamos sido generosos ou avarentos, cordatos ou violentos, corruptos ou honestos, no fim resulta igual, em silêncio e vômito (SOUZA, 1997, p. 124).

É importante ressaltar que o narrador não sabe o que está acontecendo na província, visto que, encontra-se incomunicável. A desilusão o leva a acreditar que as ações, sejam elas boas ou ruins, não fazem sentido algum, visto que tudo termina em “silêncio e vômito”. Se até este momento a memória era sinônimo de dor e sofrimento pelas visitas noturnas que fazia ao narrador, assaltando-o e obrigando-o a lembrar, os termos usados agora para a memória são mais amenos. O adjunto adverbial de modo “gentilmente” e o verbo “conduzir” se opõem aos termos utilizados anteriormente, tais como “assaltar” e “machucar”. Parece-nos que o narrador desiste de lutar contra a memória e entrega-se a ela como se fosse seduzido e, além disso, deixa de pensar nas agruras pessoais e amplia a visão dos fatos a uma geração que acreditou que seria possível mudar a história do Grão Pará. O passado, para o narrador tinha o sonho da liberdade, mas parece que o sonho morre junto com o país. “Volto a entregar-me ao

arbítrio da memória que, ao tomar-me gentilmente pela mão, deverá conduzir-me ao largo das ilusões e assim regressarei ao passado, ao tempo em que os sonhos de minha geração foram postos à prova, ao instante em que um país entrou em agonia e morreu”. (SOUZA, 1997, p. 182).

Diante dessas situações que o levaram ao limite de seus sentimentos e que agora retornam colocando-o novamente diante delas, como a guerra em Caiena, o aborto do filho, o cólera, a partida de Simone, a inevitabilidade da morte, as lembranças são identificadas negativamente como sinônimo de sofrimento: elas doem, o fazem temer, machucam, assaltam, o fazem tombar, são cortantes (p. 124); são arbitrárias e sedutoras (p.182), pois Fernando mergulha no passado para buscar momentos de sofrimento e desilusão que não o consolam nem permitem projeções para o futuro, afinal, “um país entrou em agonia e morreu.” (SOUZA, 1997, p. 182).

O labirinto da memória percorrido pelo narrador parece não ter saída, porque os fios que poderiam conduzi-lo a ela seriam Simone e Batista Campos, mas eles não estão ali para ajudá-lo, o que faz o desconforto do narrador aumentar, pois parece que ele anda em círculos sentindo sua vida enredada por um sonho impossível de ser realizado. Diante do pessimismo que vimos desde o início desse tópico, o voo utópico de Fernando assemelha-se ao de Ícaro interrompido no meio da viagem e a queda dele é inevitável como vítima das contingências.

Leio estas linhas mais uma vez, página a página, e sei que nenhuma gota amarga será capaz de substituir o que realmente aconteceu. Mas o que fazer? Minhas ideias, eu o sei, jamais foram claras o suficiente para registrar algo sensato algo que seja capaz de enfrentar a teimosia do esquecimento. E no entanto, nada mais oco que a sensatez quando sofremos frontalmente o golpe da contingência. Porque nada resta, nem mesmo chorar de raiva significa um gesto heroico (SOUZA, 1997, p. 189).

*Lealdade* é um livro de viagem sem a euforia de quem parte sem a certeza do retorno. A viagem de Fernando é com a certeza de quem não vai mais voltar. A luta do narrador é contra o esquecimento, pois ele tem a consciência de que é preciso deixar um relato, um testemunho dessa época para que o olhar não pouse somente sobre a escrita do vencedor, mas que os vencidos também possam ter voz e narrar a história a contrapelo. Fernando cobra-se por não ter percebido os sinais das mudanças que se anunciavam e talvez a grande falha do narrador tenha sido tentar compreender pela razão algo impossível de ser detectado. Ele tenta fazer um raciocínio lógico sobre a revolução opondo o desejo e a razão. Do ponto de vista militar, ele conclui que não há lógica alguma, pois ela não é movida pela razão, mas pelo desejo

Toda revolução é como o desejo humano, não se submete com facilidade. Como militar tive a revolução como uma quebra da lógica política, um vácuo onde as leis militares clássicas não funcionavam. Foi assim que, naquele mês de setembro de 1823, não percebi que estava vivendo um desses vácuos. Belém era um cenário completo de sinais, pelos silêncios e simulações rasgados na pele da cidade pelos homens e suas utopias. Mas como perceber? Desconfio agora que o grande poder das revoluções é começar com sutileza para depois romper como um clarão, um raio em céu limpo. E, se a revolução é como o desejo, tudo é acessório. Há apenas a necessidade de satisfazer os instintos, contra os quais a razão se retrai (SOUZA, 1997, pp. 191-192).

Fernando deveria compreender que uma revolução se faz com a junção entre o desejo e a razão, pois ali está o equilíbrio. A impossibilidade de modificar os fatos passado e a culpa que sente por não ter percebido nada, pois estava cego pela dor de ter perdido Simone, dão o tom pessimista ao que é narrado.

Podemos retomar o título desse artigo e pensar a afirmação da Hall “Conheço intimamente os dois lugares, mas já não pertencço completamente a nenhum deles. E esta é exatamente a experiência diaspórica, longe o suficiente para experimentar sentimento de exílio e perda, perto o suficiente para entender o enigma de uma “chegada” sempre adiada.” (HALL, 2003, p. 415). É esse o estado em que se encontra o narrador de *Lealdade*, afinal, a falência dos projetos pessoais desse narrador são metonímia da falência do sonho maior de uma parte da população do Grão-Pará em criar um país justo livre e democrático. O narrador é apenas um ponto, em torno do qual uma memória coletiva aflora, permitindo, assim, a escrita da história da Cabanagem que é formada pelo relato de vários atores que participaram desse evento por isso cada livro da trilogia tem um narrador diferente, que traz consigo outras vozes que o ajudam a narrar.

A Cabanagem foi uma guerra que deixou muitos mortos, além de presos e executados, para garantir a anexação dessa província ao Brasil e há muitos fatos e nomes que precisam ser trazidos à luz. E a decisão de Márcio Souza em escrever esses romances demonstra que é necessário tirar este episódio do esquecimento e não permitir que seja apagado da memória da população, por mais traumático que esse episódio tenha sido.

### **Bibliografia:**

ABDALA JR, Benjamin. **De vãos e ilhas: literatura e comunitarismo**. Cotia: Ateliê Editora, 2003.

ARRIGGUCI JR, Davi. “O mundo misturado: romance e experiência em Guimarães Rosa”. In: **Novos Estudos CEBRAP**. São Paulo: Cortez Editora, 1994.

Revista A Palavrada (ISSN 2358-0526), 23, jan-jun, p. 61-76, 2023 - 1ª edição

ASMANN, Aleida. **Espaço da recordação:** formas e transformações da memória cultural. Trad. Paulo Soethe. Campinas: Ed. UNICAMP, 2011.

MESQUITA, Maria Cláudia de. “Literatura e história: uma leitura de Lealdade (1997), de Márcio Souza”. Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Ciências e Letras de Assis. Universidade Estadual Paulista. São Paulo: Assis, 2009.

SAID, Edward. **Cultura e Política.** Trad. Luiza Bernarndo Pericás. São Paulo: Bitempo Editora, 2003.

SARLO, Beatriz. **Tempo Passado:** cultura da memória e guinada subjetiva. Trad. Rose Freire D’Aguiar São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SOUZA, Márcio. **Lealdade.** 2 ed. São Paulo: Marco Zero, 1997.

**Escape, exile or crossing: the crisis of Fernando narrator-character of the novel Lealdade by Márcio Souza**

**Abstract:** This article brings reflections on the exile of the narrator Fernando after the frustration of the 1832 uprising and the consequent adhesion of Grão-Pará to Brazil. The failure of this narrator's personal projects is a metonym for the failure of the greater dream of a part of the population of Grão-Pará to create a fair, free and democratic country, after all, the narrator is just a point, around which a collective memory emerges. The memories and reflections arise in the journey along the Tocantins River towards exile, flight or crossing towards the Fazenda Promissão where he takes refuge after the military, loving and personal failure. To think about memory we seek support in Asmann (2011) and Sarlo (2007), on exile we have support in Hall (2003) and Said (2003).

**Keywords:** Lealdade; Rromance; Narrator; Exile.

**Recebido em 05 de junho de 2023**  
**Aprovado em 14 de junho 2023**  
**Publicado em 09 de agosto de 2023**